

# CRIMES SEXUAIS: esse assunto, é da nossa conta, SIM!



texto: **ALINNE ABRAÃO,  
AVELINA CASTRO e  
JAQUELINE ALMEIDA do  
Virajovem de Belém (PA)\***

fotos: **SHIRLEY PENAFORTE**



Veja a primeira reportagem da série vencedora da 4ª edição do Concurso Tim Lopes de Investigação Jornalística, sobre como a galera está enfrentando a exploração sexual de crianças e adolescentes

**O**s jovens são muitos no Brasil. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), até 2010, nosso país terá 42,9 milhões de jovens, 32,7 milhões deles entre 12 e 18 anos. E é justamente nessa idade que muitos estão mais vulneráveis aos crimes sexuais.

Dados do Disk Denúncia da Secretaria Nacional dos Direitos Humanos mostram que, em 2007, 5.992 crianças e adolescentes foram vítimas de abuso, exploração sexual e/ou tráfico de seres humanos para fins sexuais. Isso significa que, todo dia, pelos menos 14 meninas ou meninos

sofreram algum crime sexual no nosso país. É muita gente! Isso sem contar que muitos casos nem chegam a ser denunciados e que, a cada dia, aparecem mais situações – até abril deste ano, foram 2.158 denúncias, 17 por dia.

O problema está aí e atinge, em cheio, os mais novos, sem emprego, sem escola, com a família desestruturada e com a sexualidade nascendo de modo distorcido. **nono nonono nononono nononono nonono nononono.**

Entre os meses de agosto e setembro, jornalistas e virajovens percorreram as cinco regiões do Brasil para mostrar que meninos e meninas de todas as partes estão enfrentando os crimes sexuais com amizade, alegria. Sim, é possível pegar leve mesmo num tema tão triste – e com muito compromisso e seriedade – ué, tá pensando que jovem também não fala sério?

Percorremos algumas capitais brasileiras e descolamos histórias iradas que vamos contar nesta e nas próximas edições da **Vira**.

## SILÊNCIOS SENTIDOS

Sábado, Fazenda Couto, bairro na periferia de Salvador (BA). Mais de 100 crianças e adolescentes reunidos. No pátio de uma escola pública, uma menina dá o recado: “Nunca aceite violência em sua vida. Violência não combina com a essência feminina. E não esqueça: seja tudo o que quiser ser”.

É assim que o Centro de Referência Integral de Adolescentes (Cria), de Salvador, está tratando os direitos e enfrentando a violência sexual. A ONG produz material para rádio e apresenta sete peças teatrais de grupos diferentes, todas elas com adolescentes a partir de 14 anos.

*Silêncios sentidos*, do Grupo Abebé Omi, e *Diálogos*, do Grupo Pais e Filhos, tratam do assunto. A primeira explora os limites entre prazer e dor, esclarecendo diferenças entre exploração sexual comercial e abuso sexual. *Diálogos*, traduzido pelo grupo como “a força da mulher e a verdade das crianças”, fala da importância da conversa sobre gênero, sexualidade, HIV/DSTs, atenção e carinho. “Diálogo com seu filho porque ele precisa ser ouvido. Diálogo com sua mãe porque ela tem muito o que ensinar. Diálogo com seu vizinho, com seu pai, com seu irmão e, principalmente, com você”, diz a peça.

## POUCA GENTE NA ÁREA

Para enfrentar a violência sexual, os jovens no Brasil precisam brigar muito. Brigam por mais recursos para os projetos, para serem respeitados nas instituições em que estão inseridos e, muitas vezes, com seus próprios preconceitos e limitações pessoais. **nono nonononono**.

Uma grita geral é a escassez de projetos focados no chamado protagonismo. É comum também o dinheiro do financiador acabar antes dos primeiros resultados. “A gente ainda encontra poucas organizações trabalhando com esse tema, apesar dele ser bem mais antigo que várias outras violações de direitos. Ele mexe com a sexualidade do ser humano e isso ainda é tabu”, conta Valéria Brahim, gerente de programas sociais da Associação Brasileira Terra dos Homens (ABTH).

A escassez de recurso explica porque a causa perde tantos jovens engajados. “Várias instituições querem que os jovens sejam voluntários, mas muitos precisam estudar e trabalhar para ajudar em casa. Nessa hora, a necessidade fala mais alto”, diz o educador Cleyton Lobato, representante no Pará do Comitê Nacional de Enfrentamento à Violência Sexual Contra Crianças



### Legenda

e Adolescentes. **nono nonononono nono nononononono nonononono**.

Paulina Miranda, representante no Tocantins do mesmo Comitê, vive um dilema parecido. Com 17 anos, ficou em situação vulnerável quando saiu da casa dos pais, mas virou voluntária de uma ONG ao ser convidada por uma educadora. “Me identifiquei na hora. É muito bom ajudar meninas que passam pelo que eu passei”, diz ela, que é referência entre os jovens, mas parou de estudar e não sabe muito bem o que vai fazer para ganhar a

vida a partir do ano que vem.

“A situação aqui está difícil. Talvez volte pra minha cidade.”

O preconceito é outra barreira. Muitos jovens demonstram conhecimento sobre direitos sexuais, mas tratam meninos e meninas explorados sexualmente como se isso fosse um defeito ou uma escolha pessoal. Para especialistas, isso é natural, porque os jovens fazem parte da sociedade, que ainda discrimina. “Se eu tenho preconceito, como eu vou falar para os outros sobre essa situação?”, questiona Valéria Brahim.



Legenda

## LUGAR NO ORÇAMENTO

Se algumas ONGs ainda colocam protagonismo juvenil e violência sexual entre suas rubricas mais por obrigação do que por crédito, os governos, em todos os níveis administrativos, não fazem muito diferente. Para o advogado Carlos Nicodemos, coordenador da Organização de Direitos Humanos Projeto Legal, do Rio de Janeiro, ainda se brinca muito de incentivar os jovens a serem protagonistas. “Há iniciativas isoladas, mas não um protagonismo como política de Estado. O nosso exemplo, aqui no Rio, quando tivemos que explicar e defender a participação de um adolescente no conselho municipal, mostra claramente isso”, conta ele sobre a briga para que Luiz Fernando Jordão representasse a ONG no Conselho Municipal.

Para Clézio Freitas, do Centro de Defesa da Criança e do Adolescente

(Cedeca-Ceará), outro gargalo está no orçamento público, ainda longe de ser o ideal. “Embora o Estatuto da Criança e do Adolescente fale sobre a destinação privilegiada de recursos públicos para a infância e juventude, ainda se vê gastos maiores com o pagamento de juros, amortização da dívida e publicidade, entre outros”, diz ele, lembrando que o enfrentamento à violência sexual recebe menos recursos ainda.

Desde 1999, o Cedeca-Ceará monitora o Orçamento Público, mais particularmente no Orçamento Criança. No auge do trabalho, lembra Clézio, percebeu-se a ausência de crianças e adolescentes nos espaços de decisão. “Aí surgiu o questionamento. Por que esses segmentos ainda não haviam conquistado o direito de serem ouvidos? Não se pode falar em democracia excluindo um grupo tão significativo da nossa população, ainda mais quando o assunto são

as políticas voltadas justamente para eles.”

A partir daí, o Cedeca-Ceará passou a executar um projeto que une orçamento público e promoção do direito à participação com adolescentes da periferia de Fortaleza, onde a violação de direitos é mais percebida. Vale lembrar que a capital do Ceará é uma das mais marcadas pela exploração comercial sexual de crianças e adolescentes.

O resultado do esforço foram 12 emendas aprovadas em 2003 e 2004, todas elaboradas pelos adolescentes. “Outro aspecto importante foi o reconhecimento por parte da sociedade e do poder público local de que existe um grupo de adolescentes atuando na discussão do orçamento público, inclusive pensando em metodologias de participação para esse segmento”, diz Clézio, lembrando que, no ano passado, o projeto recebeu o Prêmio de Tecnologia Social da Fundação Banco do Brasil.

## EM SÃO PAULO, FALA SÉRIO

A adolescente Carol nasceu com o vírus HIV. Jovem, descobriu o preconceito quando uma prima se negou a dividir um sanduíche. Viver ficou pior com a chegada do primeiro namorado e o medo de ser maltratada de novo. O jeito foi desabafar com Guto, um amigo.

Carol e Guto são bonecos de pano da peça de teatro *Fala Sério*, expressão usada pelos adolescentes do projeto Tecer o Futuro, do Centro Social Nossa Senhora do Bom Parto (Bompar), em São Paulo, para falar de sexo, sexualidade, gênero, DSTs e violência sexual na cidade de São Paulo. O grupo reúne 10 jovens, a metade portadores do vírus HIV.

Na platéia, o tema, doloroso e difícil, vira um bate-papo em que a vergonha não tem lugar e impera a liberdade para falar tudo o que passa pela cabeça.

A peça foi escrita pelos próprios adolescentes e muda sempre. “Não falávamos de métodos contraceptivos, mas como esse tema gera dúvidas, incluímos no bate-papo”, diz Rafael Biazão, de 17 anos, educador e um dos atores.



Legenda

Uma das críticas vai para o serviço público de saúde, que ignora que o jovem começa sua vida sexual cada vez mais cedo e, não raro, de modo enviesado. “Oficialmente, é como se não existissem meninas de 11, 12 anos que já transam e engravidam”, diz outra adolescente do grupo.

Depois apresentações a mais de 8 mil crianças, adolescentes e jovens, fica a impressão de que sobra desinformação e faltam ações. “Ainda tem menina que acha normal

usar o mesmo anti-concepcional que a amiga”, diz Helder Pereira, 17 anos, também do grupo.



## NO PARÁ, UM ATELIÊ DE VIDA

O projeto Ateliê da Vida nasceu quando mulheres do Grupo de Mulheres Prostitutas (Gempac) decidiram falar sobre gênero, preconceito e crimes sexuais com seus filhos e suas filhas. Hoje, o projeto atende também crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade e vítimas de crimes sexuais. E apesar dessa carga, os adolescentes se expressam com arte e alegria. “Eu tinha preconceito, mas agora sei que eles querem mudar essa situação, disse Caurê Cruz Cuité, de 18 anos, monitora de teatro. No total, 80 jovens entre 14 e 18 anos participam do projeto. “Aqui me sinto muito feliz”, afirma outra jovem.

Os adolescentes discutem cidadania, sexualidade e temas do cotidiano. No final, eles mesmos escolhem o tipo de expressão em que vão se envolver, fazem seus instrumentos musicais e escrevem peças e músicas para os espetáculos. “O ateliê mudou minha vida. Antes eu era irritada e só queria estar na rua”, diz outra jovem, autora de uma das peças de teatrais.



Legenda

## NO PARANÁ, UM CHAMADO À LUTA

O Navegando nos Direitos chegou em Paranaguá, no Paraná, num momento em que a cidade vinha sofrendo uma grande alta de casos de exploração sexual infanto-juvenil e aparecia na Pesquisa Sobre Tráfico de Mulheres, Crianças e Adolescentes para Fins de Exploração Sexual (PESTRAF) como uma das rotas internas para tráfico de adolescentes e mulheres para fins sexuais.

Realizado pela Central de Notícias dos Direitos da Infância e da Adolescência (Ciranda), há dois anos, o Navegando tem foco na conscientização para o enfrentamento ao abuso e à exploração de meninos e meninas.

São os jovens que planejam e executam fóruns de discussão e atividades nas escolas, mobilizando outros parananguaras a participarem e enfrentarem à violência sexual. “O impacto do projeto em minha vida foi muito forte. Tenho o dever de ajudar e informar as pessoas sobre a explo-



### Legenda

ração sexual infanto-juvenil”, diz Kelvin Rodrigues.

Assim, temas como sexualidade, violência, participação política, direitos e deveres entram na roda de conversa dos adolescentes e jovens, que produzem vídeos, jornais-murais, ensaios fotográficos, entrevistas e músicas. “Com o projeto, aprendi que ser cidadão não é apenas limpar a calçada de casa”, completa Anderson Santos.



## NA BAHIA, UM ESPELHO NA COMUNIDADE

O Grupo de Apoio à Prevenção à AIDS (GAPA) da Bahia é exemplo em que os adolescentes são responsáveis pelas estratégias de prevenção e combate à discriminação a pessoas com HIV/AIDS. Mirando contra o preconceito, eles acertam na exploração sexual.

Para Ney Nascimento, educador do GAPA, são comuns situações como a do município de Madre de Deus, próximo a Salvador. “Chegamos com o caminhão para apresentar a peça *A gente já disse tudo* e soubemos de meninas que deixam a escola para serem exploradas, às vezes, com conhecimento dos pais”, explica.

Como os jovens do GAPA-Bahia chegam a pelo menos 16 municípios com teatro, grupos de hip-hop, rádio e outros instrumentos de mobilização, não é difícil se deparar com exploração sexual em vários deles, como Camaçari, Jequié e Ilhéus.

Para enfrentar o problema, o GAPA aglomera jovens multiplicadores por onde passa. “Assisti a oficinas de prevenção, sexualidade e homofobia no meu bairro e agora sou educador”, afirma Jeferson Cardoso, de 20 anos, desde os 14 no GAPA. “Há muito tabu, mas os jovens se sentem mais a vontade conversando com alguém da mesma idade. Me sinto um espelho no meu bairro”, completa o rapaz, do bairro Jardim Cruzeiro, em Salvador.



# EXPLORAÇÃO SEXUAL? E você, o que acha disso?



“Uma vez uma colega que era explorada me falou: ‘Você não pode me sustentar com suas informações. Não pode levar comida pra dentro de minha casa. Eu perguntei a ela se não tinha outro caminho, e ela disse: ‘Tem sim, mas esse caminho não chega até a mim porque eu não cheguei nem até a quinta série’.

Antes de se envolver, tem que ver a estrutura da família e qual motivo que levou à exploração. Sabendo disso, a gente não vai chegar dizendo que é proibido, mas vai chegar lá, dar uma camisinha, ouvir um pouco mais.

A causa é a falta de emprego, de estrutura familiar e, em terceiro lugar, muita falta de informação. Na nossa comunidade a gente é muito rico no arrocha, no pagode, mas na hora de ter informação, a gente não é tanto. Isso chega a entristecer. Eu vejo muita menina de 12, 13 anos grávida. Elas se envolvem com coroas de lá mesmo, e tem casos que a própria mãe sabe, mas o cara dá dinheiro pra pôr comida dentro de casa.

**Luana, de 16 anos, é moradora da Comunidade Nova Brasília e integrante do projeto de Rádio do Cria, em Salvador (BA)**

“A imprensa não aborda com regularidade o tema da exploração e do abuso sexual, mas penso que pior do que não abordar, é abordar de uma forma que expõe as crianças e os adolescentes, que ridiculariza, revitimiza e humilha. Aqui em Recife, por exemplo, temos programas muito ruins e as rádios tocam músicas que parecem uma preliminar (do sexo).”

**Marla Camila, mobilizadora do Virajovem de Recife (PE) e voluntária no Coletivo de Jovens Feministas do Recife e do Centro de Jovens da organização Bem-Estar Familiar (Bemfam)**

“Os jovens têm dificuldade de falar de sexo pela educação que vem dos pais e da sociedade. Muitos pais ficam apreensivos e acreditam que, ao conversar com os filhos, podem estimulá-los para o sexo. Se tivéssemos educação sexual nas escolas, por exemplo, não teríamos adolescentes engravidando e pegando DST.”

**Rafael, de 16 anos, participa do Projeto Quixote Jovem, de São Paulo, há dois anos. Hoje está no programa educação para o trabalho, na turma da Agencia Quixote Spray Arte**

“Eu saí do Pará quando o pastor da minha igreja me convidou para trabalhar em uma faculdade em São Paulo. Ao chegar fiquei preso na casa dele, não podia falar com ninguém e nem sair de casa. Fugí. O pastor pegou minhas coisas e jogou fora. Morei uma semana

na rua, pensei em me prostituir, mas não tive coragem. Aí conheci um rapaz que me tirou da rua e me arrumou um emprego. Agora estou trabalhando, mas até hoje minha família não sabe de nada.”

**Jovem paraense de 26 anos. Foi vítima de tráfico de seres humanos e hoje vive em São Paulo (SP)**

“A gente quer ir à luta, mas para isso tem que ter financiamento. Uma entidade não se sustenta só com amor.”

**Bárbara, de 19 anos, é voluntária da Bemfam, em Recife (PE)**

**Contribuíram também com esta reportagem as virajovens Marla Camila Florencio, de Recife (PE); Anderson Santos e Kelvin Rodrigues, de Curitiba (PR); Renata Souza e Gisele Martins, do Rio de Janeiro (RJ); Rafael Blazão, de São Paulo (SP); e Ionara Silva, de Brasília (DF).**

Promovido pela Agência de Notícias dos Direitos da Infância, o Concurso Tim Lopes de Investigação Jornalística é uma iniciativa em homenagem ao jornalista brasileiro Tim Lopes, assassinado enquanto fazia uma reportagem sobre exploração sexual de crianças adolescentes no Rio de Janeiro.